

Se busca saltar de novo
Sob furia mais violenta,
Eis que lhe vasa da boca
Espuma sanguinolenta.

De queixo posto no entrave,
Qualquer coice dado a esmo,
Se pode ofender aos outros,
Dói muito mais nele mesmo.

Em pouco tempo o rebelde,
Agora sem mais descanso,
Trabalha tranquilamente
Humilde, bondoso e manso.

Assim, tambem muita gente
Em falsa compreensão,
Ao invés de trabalhar,
Faz queixa e reclamação.

Contudo, á beira do abismo,
Antes da queda ao mais baixo,
Recebem os linguarudos
A benção de um barbicacho.

A M U D A

Quem penetre no jardim
Quando em plena floração,
Não pode dissimular
Sincera admiração.

Agucenas desabrocham
Desdobrando-se em beleza,
Mostrando a maternidade
Das fôrças da natureza.

Alem do jardim florido,
Quem se dirija ao pomar,
Experimenta emoção
Que não pode disfarsar.

As arvores generosas,
Sob auréolas de verdura,
Servem pomos de bondade
A's mesas da criatura.

Flores ricas, frutos nobres,
Na abundancia indefinivel,
Demonstram a Providencia
Na bondade inexhaurivel.

Observe-se, porém,
Como quem cumpre o dever,
Que o nosso primeiro impulso
Vem da idéia de colher.

As flores são decepadas,
Esmaga-se o fruto a esmo,
Em tudo o egoismo extremo,
Dando conta de si mesmo.

São raros os providentes
Que guardam consigo a muda,
Por planta-la com desvêlo
Na terra que sempre ajuda.

Em nossa vida, igualmente,
Se vamos á luz dos bons,
Refletimos tão sómente
Na colheita de seus dons.

*

Não basta, porém, ganhar,
Por deixarmos de ser pobre:
Plantemos em nossa vida
A muda do exemplo nobre.

O BOTÃO

Na extrema delicadeza
Da verdura perfumosa,
Destaca-se pequenino
O tenro botão de rosa.

Não ha sinál de corola,
Vê-se apenas que começa
A surgir a flor divina
Num cálice de promessa.

E ás vezes, nas alegrias
De doce festividade,
Espera-se pela rosa
No caminho da ansiedade.

Deseja-se a flor robusta
Com que se adorne a beleza,
Mas não ha lei que perturbe
Os passos da natureza.

E' certo que toda rosa,
Como joia de paisagem,
Nunca pode prescindir
Do zelo da jardinagem.